

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: 1108

Data: 18.02.92

Pg.: _____

Estado quer desocupar área invadida

□ Justiça pode determinar hoje a saída dos índios que ocuparam parque em Nonoai. Caingangues estão armados e Brigada não foi acionada para intervir

ANGELA BASTOS

Central do Interior/ZH

O secretário estadual da Agricultura, Aldo Pinto, está solicitando à Procuradoria Geral do Estado que ingresse na Justiça com pedido de reintegração de posse dos 17 mil hectares de terra localizados no Parque Estadual Florestal de Nonoai, ocupados no final de semana por 600 índios caingangues. A solicitação, que até o final da tarde de ontem não tinha chegado à Procuradoria, baseia-se no fato de tratar-se de uma área de mata nativa e considerada patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Sul. O parque abrange os municípios de Nonoai, Planalto, Rodeio Bonito, Liberato Salzano e Trindade do Sul, na região Norte do Estado.

As informações chegadas a Nonoai indicam que os índios — armados com revólveres, facões, arcs e flechas — estariam cortando árvores e abrindo picadas na mata. O chefe



Beth Santos-Arquivo ZH

Expectativa: Rossato acompanha à distância a movimentação dos índios

da Divisão de Parques da Secretaria da Agricultura e Abastecimento, João Paulo Steigleder, explica que o primeiro grupo de caingangues foi visto na manhã de sexta-feira. No sábado, foram armadas barracas para as mulheres e crianças que também começaram a chegar. Steigleder diz que os índios vêm das reservas gaúchas de Irai, Rio Bonito e Tenente Portela, além de Chapecó, em Santa Catarina.

RESERVA — A área é considerada como um dos últimos redutos de mata nativa da região, com pinheiros que vivem mais de 500 anos. Além

disso, é ali que nasce o Rio do Mel, importante reserva hídrica ainda não atingida pela poluição. Os índios alegam serem os donos da área, diz Ariel Rossato, diretor do Parque Estadual de Nonoai, e estão destruindo os recursos existentes. Os caingangues ocuparam o parque alegando que iriam fazer limpeza num cemitério indígena localizado nas proximidades.

Rossato considera que a invasão é um meio de pressionar o governo para que a área venha a fazer parte da reserva indígena. O processo relativo a posse da área tramita na Justi-

ça Federal. Temendo reação dos invasores, Rossato não esteve na região. O comandante da Brigada Militar de Planalto, sargento Prado, disse que o efetivo aguarda orientação do governo do Estado para que haja deslocamento até o parque.

Distante 15 quilômetros da área invadida, o comandante classificou como boato a notícia da ocupação de duas casas pertencentes ao posto da guarda, na localidade de Gramado dos Loureiros, ao lado da área invadida. O sargento Prado garantiu que o clima é de calma no interior do parque.

INVASÕES — A Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI), em Porto Alegre, não teve ainda nenhum contato com os caingangues que estão no parque. O diretor da entidade, Rodrigo Venzon, adianta que, em contatos anteriores, os indígenas demonstravam interesse em recuperar toda a área que estava no projeto original da reserva, incluindo os 17 mil hectares agora ocupados. Eles querem ainda os 2.500 hectares da 4ª Seção Planalto, 1.200 da Agropecuária Alto Uruguai e mil da Taquaruquzinho. "A ANAI está preocupada, pois atrás das invasões podem estar os interesses dos proprietários de madeiras da região", completou Rodrigo Venzon.